



A Senda nos

Estudos da

**Língua Portuguesa**

**Fabiano Tadeu Grazioli**  
(organizador)

 **Atena**  
Editora  
Ano 2019

Fabiano Tadeu Grazioli  
(Organizador)

# A Senda nos Estudos da Língua Portuguesa

Atena Editora  
2019

2019 by Atena Editora  
Copyright © Atena Editora  
Copyright do Texto © 2019 Os Autores  
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora  
Editora Executiva: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Antonella Carvalho de Oliveira  
Diagramação: Natália Sandrini  
Edição de Arte: Lorena Prestes  
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

### **Conselho Editorial**

#### **Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### **Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

#### **Ciências Biológicas e da Saúde**

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

### **Ciências Exatas e da Terra e Engenharias**

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

### **Conselho Técnico Científico**

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo  
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba  
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Prof.ª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico  
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará  
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista  
Prof.ª Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia  
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof.ª Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal  
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

<b>Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)</b>	
A474	A senda nos estudos da língua portuguesa [recurso eletrônico] / Organizador Fabiano Tadeu Grazioli. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. – (A Senda nos Estudos da Língua Portuguesa; v.1)  Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-492-4 DOI 10.22533/at.ed.924192407  1. Língua portuguesa – Estudo e ensino. 2. Língua portuguesa – Pesquisa – Brasil. I. Grazioli, Fabiano Tadeu. II. Série. CDD 469.5
<b>Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422</b>	

Atena Editora  
Ponta Grossa – Paraná - Brasil  
[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
contato@atenaeditora.com.br

Atena  
Editora

Ano 2019

## APRESENTAÇÃO

A imagem do caleidoscópio pode representar de maneira satisfatória este primeiro volume de *A senda nos estudos da Língua Portuguesa*, isso porque – sendo o referido aparelho óptico formado internamente por pequenos fragmentos de vidro colorido e espelhos inclinados, que, através do reflexo da luz exterior, apresentam combinações variadas a cada movimento – os trabalhos que compõem o volume partem de diferentes veredas do âmbito das linguagens para se unirem e oferecerem um panorama diverso e complexo de estudos que, dependendo do movimento e da perspectiva de quem olha/lê, pode apresentar múltiplos caminhos (ou sendas, como bem registramos no título) que, contemporaneamente, a Língua Portuguesa percorre no âmbito das pesquisas acadêmicas.

Do lugar de que olhamos para o caleidoscópio agora, como organizadores da obra – que é a experiência de quem olha para cada fragmento de vidro colorido, cada um por sua vez –, cabe fazer alusão à temática de cada capítulo-fragmento, na tentativa de transmitir a multiplicidade de enfoques que as linguagens recebem aqui. Assim, cabe listar como temáticas dos capítulos, na ordem que aqui aparecem: o processo metaenunciativo de (re) construção de sentidos na densidade dialógica dos discursos estéticos e textuais, via enunciados parafrásicos; o ensino de língua pelo caminho do gênero textual; a linguagem jurídica em uma perspectiva linguística, para fins de melhorar a relação entre o Direito e o cidadão comum, facilitando, assim, seu acesso à Justiça; a constituição do *ethos* discursivo dos pronunciamentos presidenciais dos países lusófonos Angola e Brasil, da década de 1990, uma vez que esses dois países têm um passado em comum e trazem semelhanças resultantes das ações do período da colonização portuguesa; a reconstrução e a ressignificação da história de vida dos Candangos, primeiros moradores de Brasília, partindo da análise de um conjunto de fotografias e de entrevistas.

Na sequência, os capítulos tratam da descrição das categorias nominais gênero linguístico e número sintático em Português Europeu, em confronto com sua ausência em línguas de modalidade diferente em contacto com o Português – o Tétum e o Caboverdiano; do processo de intensificação adjetival que ocorre no português falado no Brasil, mais especificamente na cidade do Rio de Janeiro, a partir da Gramática Funcional do Discurso, da Teoria Semântica Lexical e pelo Interculturalismo; do impacto que um trabalho com linguagem escrita, numa perspectiva sociointeracionista, tem sobre a formação de alunos com idade entre três e quatro anos (que contituiam, no momento da execuussão da proposta, uma turma de maternal II), especialmente em relação à formação de futuros leitores; da intercompreensão entre o português, o espanhol e o francês como estratégia para ensinar o português – língua não materna – a alunos franceses, em universidades francesas.

Ainda seguindo o caminho anunciado no Sumário, os capítulos seguintes

abordam: as unidades fraseológicas portuguesas corpo humano; a análise do léxico, em uma abordagem discursiva, investigando as lexias que podem ser típicas da fala do homem acreano, no contexto do romance *O Empate*, de Florentina Esteves, uma escritora acreana; os processos enunciativos e, portanto, discursivos e interacionais no uso da materialidade sincrética no *site* da escritora Angela Lago, que tem como interlocutor o público infantil; a identidade e a subjetividade do negro nos ladrões (versos improvisados) do Marabaixo, manifestação da cultura afro-amapaense, à luz de pressupostos da análise do discurso de base francesa; o tratamento e apresentação de termos de áreas científicas nos minidicionários escolares do tipo 3, desenvolvidos para alunos do Ensino Fundamental II, público que usa com frequência o referido material; o uso de operadores argumentativos na construção de enunciados de editoriais, apresentando-os como correspondentes aos lugares da retórica clássica; a educação prisional sob a ótica foucaultina.

No último apanhado de textos, encontramos um capítulo que enfatiza uma abordagem teórica sobre a definição de literatura e o seu caráter artístico e estético; a produção seguinte trata da relação entre os estudos do pensador Mikhail Bakhtin e letras das canções de Tom Zé; outro capítulo focaliza o estudo da poesia medieval, tanto das cantigas profanas, quanto das cantigas religiosas; a seção posterior realiza uma análise do episódio “Os Doze de Inglaterra”, da obra *Os Lusíadas*, de Luís de Camões, tendo como ponto de partida aspectos literários e sintáticos; depois, um estudo que observa a descortesia estratégica proferida pelos personagens no romance *Meu destino é pecar*, de Nelson Rodrigues, demonstrando que as relações de interação são construídas por meio de estratégias argumentativas para atacar a imagem do interlocutor; e fecha a obra um capítulo no qual a pesquisa reflete sobre o papel do docente mediador na constatação de casos de violência contra crianças na turma sob sua responsabilidade.

Os estudos apresentados foram produzidos por pesquisadores de diversas instituições nacionais e estrangeiras, como o leitor poderá perceber na abertura de cada texto. As metodologias de pesquisa também são diversas, uma vez que a multiplicidade só pode ser a marca de uma coletânea que é organizada a partir de uma chamada com abertura para o diverso.

Agora, cabe ao leitor que chegou até a obra-caleidoscópio mirá-la a partir do seu enfoque e buscar no conjunto de perspectivas que a experiência da leitura que um artefato tão diverso pode oferecer, os textos que são do seu interesse. Que a experiência da leitura seja tão interessante quanto é olhar para um ponto fixo pelo enquadramento do caleidoscópio.

Fabiano Tadeu Grazioli

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
ANÁLISE DO DISCURSO ESTÉTICO E OUTROS GÊNEROS TEXTUAIS PARA FORMAÇÃO DE PROFESSORES: UM PROCESSO METAENUNCIATIVO DE MÚLTIPLAS LEITURAS	
<a href="#">Maria Bernardete da Nóbrega</a> <a href="#">Maria das Dores Oliveira de Albuquerque</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.9241924071</b>	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>15</b>
A DIDÁTICA DA ESCRITA NO ENSINO DE PORTUGUÊS	
<a href="#">Cleide Inês Wittke</a> <a href="#">Jossemar de Matos Theisen</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.9241924072</b>	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>30</b>
A SIMPLIFICAÇÃO DA LINGUAGEM JURÍDICA COMO INSTRUMENTO FUNDAMENTAL DE ACESSO À JUSTIÇA	
<a href="#">Luciana Helena Palermo de Almeida Guimarães</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.9241924073</b>	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>49</b>
ANGOLA E BRASIL – PODER E DISCURSO POLÍTICO A CONSTITUIÇÃO DO ETHOS DISCURSIVO DE PRONUNCIAMENTOS PRESIDENCIAIS	
<a href="#">Patrícia Martins Mafra</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.9241924074</b>	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>63</b>
A FOTOGRAFIA COMO MEMÓRIA NA VIDA DOS CANDANGOS: UMA ANÁLISE NA PERSPECTIVA DE BARDIN	
<a href="#">Rita Barreto de Sales Oliveira</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.9241924075</b>	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>79</b>
CONHECIMENTOS CIENTÍFICOS SOBRE AS CATEGORIAS NOMINAIS E ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA	
<a href="#">Celda Maria Gonçalves Morgado</a> <a href="#">Ana Sofia do Carmo Lopes</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.9241924076</b>	
<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>91</b>
PROCESSOS DE SISTEMATIZAÇÃO NA SELEÇÃO LEXICAL EM PLE/PL2: A INTENSIFICAÇÃO DO ADJETIVO	
<a href="#">Adriana Ferreira de Sousa de Albuquerque</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.9241924077</b>	
<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>103</b>
“NA PRÁTICA, A TEORIA É OUTRA”: RELATO DE UMA EXPERIÊNCIA DE ENSINO DA ESCRITA EM UMA ESCOLA NA FRONTEIRA BRASIL-PARAGUAI	
<a href="#">Ana Carolina Vilela-Ardenghi</a> <a href="#">Adriana Sadagurschi</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.9241924078</b>	

<b>CAPÍTULO 9</b> .....	<b>117</b>
THE INTERCOMPREHENSION BETWEEN PORTUGUESE, SPANISH AND FRENCH AS A STRATEGY FOR TEACHING PORTUGUESE AS A FOREIGN LANGUAGE TO FRENCH STUDENTS AT FRENCH UNIVERSITIES	
<a href="#">Carolina Nogueira-François</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.9241924079</b>	
<b>CAPÍTULO 10</b> .....	<b>128</b>
UMA ABORDAGEM SINCRÔNICA E DIACRÔNICA DAS UNIDADES FRASEOLÓGICAS PORTUGUESAS ASSOCIADAS AO CORPO HUMANO	
<a href="#">Maria Auxiliadora da Fonseca Leal</a>	
<a href="#">Karlla Andrea Leal Cruz</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.92419240710</b>	
<b>CAPÍTULO 11</b> .....	<b>141</b>
UM ESTUDO DISCURSIVO DO LÉXICO EM <i>O EMPATE</i> , DE FLORENTINA ESTEVES	
<a href="#">Edilene da Silva Ferreira</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.92419240711</b>	
<b>CAPÍTULO 12</b> .....	<b>153</b>
OS MULTILETRAMENTOS NOS PROCESSOS ENUNCIATIVOS DE PRODUÇÃO DE SENTIDO	
<a href="#">Carolina Fernandes da Silva Mandaji</a>	
<a href="#">Maria de Lourdes Rossi Remenche</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.92419240712</b>	
<b>CAPÍTULO 13</b> .....	<b>165</b>
SUBJETIVIDADE E IDENTIDADE NOS LADRÕES DO MARABAIXO: CONTRIBUIÇÕES PARA ESCOLARIZAÇÃO DOS AFROSABERES AMAPAENSES	
<a href="#">Drieli Leide Silva Sampaio</a>	
<a href="#">Fabiana Almeida Sousa</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.92419240713</b>	
<b>CAPÍTULO 14</b> .....	<b>178</b>
O TRATAMENTO LEXICOGRÁFICO DO VOCABULÁRIO TÉCNICO-CIENTÍFICO EM MINIDICIONÁRIOS ESCOLARES DO TIPO 3	
<a href="#">Maryelle Joelma Cordeiro</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.92419240714</b>	
<b>CAPÍTULO 15</b> .....	<b>191</b>
OPERADORES ARGUMENTATIVOS USADOS NO GÊNERO EDITORIAL ENQUANTO RECURSOS NA CONSTRUÇÃO DO DISCURSO PERSUASIVO	
<a href="#">Míriam Silveira Parreira</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.92419240715</b>	
<b>CAPÍTULO 16</b> .....	<b>215</b>
O PROJETO <i>EDUCAÇÃO PARA LIBERDADE</i> , EM CAMPOS BELOS, GOIÁS: UMA ANÁLISE FOUCAULTIANA	
<a href="#">Ronivaldo de Oliveira Rego Santos</a>	
<a href="#">Luciana Nogueira da Silva</a>	
<a href="#">Wanderson Luiz Oliveira</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.92419240716</b>	

<b>CAPÍTULO 17</b> .....	<b>227</b>
O CARÁTER ARTÍSTICO E ESTÉTICO DA LITERATURA: UMA ABORDAGEM TEÓRICA	
Deisi Luzia Zanatta	
Fabiano Tadeu Grazioli	
<b>DOI 10.22533/at.ed.92419240717</b>	
<b>CAPÍTULO 18</b> .....	<b>236</b>
O QUE É QUE O RUSSO DE ORIOL TEM A VER COM O BAIANO DE IRARÁ?	
Celina Cassal Josetti	
<b>DOI 10.22533/at.ed.92419240718</b>	
<b>CAPÍTULO 19</b> .....	<b>245</b>
POESIA PROFANA E RELIGIOSA NA ERA MEDIEVAL	
Gláucia do Carmo Xavier	
<b>DOI 10.22533/at.ed.92419240719</b>	
<b>CAPÍTULO 20</b> .....	<b>262</b>
“OS LUSÍADAS”: UMA ANÁLISE DO EPISÓDIO “OS DOZE DE INGLATERRA”	
Gláucia do Carmo Xavier	
<b>DOI 10.22533/at.ed.92419240720</b>	
<b>CAPÍTULO 21</b> .....	<b>275</b>
PRESERVAÇÃO DA FACE E (DES)CORTESIA NO DISCURSO LITERÁRIO DO ROMANCE MEU DESTINO É PECAR, DE NELSON RODRIGUES	
Fabiana Meireles de Oliveira	
Rodrigo Leite da Silva	
<b>DOI 10.22533/at.ed.92419240721</b>	
<b>CAPÍTULO 22</b> .....	<b>286</b>
VIOLÊNCIA DOMÉSTICA CONTRA A CRIANÇA E A ATUAÇÃO DOS PROFESSORES DO ENSINO FUNDAMENTAL NO ENFRENTAMENTO	
Welton Rodrigues de Souza	
Maria José de Jesus Alves Cordeiro	
<b>DOI 10.22533/at.ed.92419240722</b>	
<b>SOBRE O ORGANIZADOR</b> .....	<b>297</b>
<b>ÍNDICE REMISSIVO</b> .....	<b>298</b>

## O QUE É QUE O RUSSO DE ORIOL TEM A VER COM O BAIANO DE IRARÁ?

**Celina Cassal Josetti**

Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal

Graduada em Letras (UnB), Mestre em Literatura (UnB) e Doutora em Educação (UnB). Contatos: saidanorte@gmail.com e cassaljosetti@unb.br

Apresentado em 2004 na 56ª Reunião Anual da SPBC em Cuiabá.

**RESUMO:** Dentro dos limites de um breve ensaio, pretende-se articular categorias formuladas pelo pensador Mikhail Bakhtin e letras das canções de Tom Zé em recorte, entre 1968 e 1978, sublinhando que esse período circunscreve também a vigência da Ato Institucional N°5 no Brasil. Nesse sentido, situaremos a relevância da obra de ambos e apresentaremos evidências de nossas postulações no *corpus* selecionado. Dessa maneira, acreditamos que o *farol bakhtiniano* poderá iluminar ainda mais a obra de Tom Zé, já que a crítica jornalística brasileira da época só soube chamá-lo de “maldito” e “hermético”.

**PALAVRAS-CHAVE:** literatura e sociedade, carnaval, Bakhtin, Tom Zé.

**ABSTRACT:** Within the limits of any short essay, it is aimed here to build relations between categories thought by Mikhail Bakhtin and the

lyrics from some selected songs written by Tom Zé between the years of 1968 and 1978, drawing attention to the fact that during this period the Institutional Act N°5 was in course in Brazil. Therefore, we are contextualizing the importance of both author’s work and we are also introducing evidences of what we have documented in the pieces selected. We believe that *Bakhtin’s beacon* allows us to have a better understanding of Tom Zé’s work, considering that Brazil’s critique journalistic from that time would only call him either “dammed” ou “hermetic”.

**KEYWORDS:** Literature and society; carnival; Bakhtin; Tom Zé.

O empreendimento teórico tem de representar a autoridade antagônica (do poder e/ou conhecimento) que, em um gesto duplamente inscrito, tenta simultaneamente subverter e substituir.

Homi Bhabha, **O local da cultura**

### INTRODUÇÃO

A construção de uma identidade nacional brasileira em contraposição ao que se havia consolidado de cultura bacharelesca pelo Império foi tarefa árdua que ocupou modernistas

de todas expressões artísticas e outros setores de uma República recém-nascida quase no século XX. As vozes da Semana de 1922 desempenharam notável papel nessa empreitada e reverberaram até no Tropicalismo dos anos 1960. Elegemos iluminar Tom Zé, a nosso entender, seu expoente maior, com o *farol bakhtiniano* para que esses notáveis não mais corram o risco de serem esquecidos.

Nesse sentido, propomo-nos neste breve ensaio, respaldados por noções formuladas por Mikhail Bakhtin em sua poética da enunciação<sup>1</sup>, a avaliar a contribuição da produção de Tom Zé, tomando-se como recorte algumas letras de sua produção de 1968 a 1978, ora entendida como produção literária cuja urdidura interpela o leitor, provoca-lhe estranhamento, desestabilizando olhares condenados ao previsível chancelado pela indústria cultural. A escolha de sua obra explica-se porque ela representa um genuíno discurso desafiador à hegemonia imposta naquele momento histórico, sob a edição do Ato Institucional N°5 (13/12/1968 a 13/10/1978)<sup>2</sup>, sem que ele se alinhasse aos setores que produziam músicas de protesto contra a ditadura militar.

Tom Zé lida dialógica, polifônica, lúcida e exemplarmente com as vozes mais expressivas dos segmentos excluídos da sociedade, quais sejam, a voz do artista da cultura popular urbana – aquele que se vê tragado pelo mercado da indústria fonográfica em expansão -, bem como a voz do setor espoliado, alienado e marginalizado da sociedade: o cidadão brasileiro. Essas vozes movem-se da seguinte maneira: ora remetem-se audaciosamente aos interlocutores da elite (política, intelectual e do capital brasileiro), ora à própria sociedade como um todo, no desejo de transformá-la, modernizá-la:

Quando Hebe Camargo perguntou ao tropicalista Tom Zé o que ele achava de Chico Buarque, o sarcasmo da sua resposta não se preocupou em ser sutil: “Gosto muito; afinal, ele é nosso avô.”(VENTURA, 1988:78)

A voz de Bakhtin ainda ressoa pelas mais diversas áreas do conhecimento, ele foi escolhido para sustentar a metodologia empregada neste trabalho devido à pertinência e contemporaneidade de suas formulações. Esse pensador erigiu conceitos que transitam com muito fôlego ainda no circuito de todas as ciências humanas. Apesar de terem sido formulados na década de 20 do século XX, os conceitos formulados por Bakhtin, tenham sido muito bem capitalizados pela linguística contemporânea, devemos, porém, salientar que seus estudos de análise literária são os que ocupam boa parte de sua empreitada crítica.

Dessa forma, é sempre bom lembrar que, quando se estuda Bakhtin as fronteiras do conhecimento não são absolutas.

---

1. Tzvetan Todorov (1981:9) em **Mikhaïl Bakhtine: le principe dialogique. Suivi de: écrits du cercle de Bakhtine**. refere-se ao modelo teórico desse pensador: “Bakhtin elabora assim o que se poderia chamar de uma **poética da enunciação**”[grifo nosso]. Eis a acepção que adotamos e à qual nos referiremos quanto ao seu sistema teórico, uma vez que consideramos ser a mais precisa.

2. Dispositivo que substituiu a Constituição de 20/01/1967, suspendendo inúmeros direitos e dando poderes extraordinários ao presidente da República.

As ciências humanas não se referem a um objeto mudo ou a um fenômeno natural, referem-se ao homem em sua especificidade. O homem tem a especificidade de expressar-se sempre (falar), ou seja, de criar um texto (ainda que potencial). Quando o homem é estudado fora do texto e independentemente do texto, já não se trata de ciências humanas (mas de anatomia, de fisiologia humana etc.) (BAKHTIN,2000:334)

## I

Considerando que nosso recorte tem como foco a poética de Tom Zé, sugerimos àqueles que tiverem inclinação a aprofundar estudos sobre ele, incluir a leitura do notável artigo de Freire que discorre, entre outros aspectos, sobre seu virtuosismo musical, bem com o comportamento do mercado diante do lançamento dos seus álbuns. Em suas palavras:

Tom Zé compartilhou do mesmo tipo de estratégia de atuação e postura *underground*, antagônica aos padrões culturais, estéticos e políticos propagados pelo regime militar. Assim, ao invés de aproximar o seu trabalho a certos modelos compatíveis com o gosto popular, Tom Zé optou por se manter fiel às suas convicções estéticas e desenvolveu ainda mais seu projeto estético experimental nos anos seguintes da década de 1970, justamente em um momento pouco oportuno para inovações musicais no mercado. Com base nos seus conhecimentos sobre os procedimentos de vanguarda da música erudita, obtidos na sua formação acadêmica na UFBA, o compositor baiano elaborou o projeto da “música operária”, empregando ferramentas, máquinas de oficinas e sons oriundos da execução de fitas magnéticas para realizar suas *performances*. (FREIRE,2017:141-142)

Nenhum método de estudo pode definitivamente exaurir as possibilidades de interpretação de uma obra. Mas, por outro lado, entendemos que a obra deve ser ouvida, pois ela dialoga com o sujeito-pesquisador e se lhe oferece - com maior ou menor resistência - a um determinado método. Em termos concretos poderíamos dizer que, se nos propusermos a discutir a modernização no Brasil materializada nas vozes dos segmentos excluídos de nossa sociedade, o método da poética da enunciação é o ideal para esse estudo.

O que pode haver em comum entre um russo de Oriol e um brasileiro de Irará? Mikhail Bakhtin nasceu em 1895, estudou na Universidade de Odessa, na de São Petesburgo, saindo diplomado em História e Filologia em 1918. Faleceu em 1975. Tom Zé nasceu em 1936, estudou música na Universidade da Bahia e multiplicou com seus talentos tais conhecimentos em São Paulo e até a presente data provoca estranhamento na crítica e no seu público cativo.

Ocorre que a produção de Tom Zé insere-se numa tradição carnavalesca estudada profundamente por Bakhtin em **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento**. Ambos autores celebraram, cada um da sua maneira, o riso em suas produções. Assim, esses dois “desdichados” pelo seu tempo, raros e caros pela genialidade e acuidade no tratamento da arte e da filosofia merecem nosso profundo respeito. Apesar de ter vencido um prestigiado festival da Record em 68, Tom Zé foi injustamente esquecido por muito tempo, chegou a passar 16 anos sem gravar um disco, apresentando-se preferencialmente para um pequeno e seletivo público universitário. Após a retardatária chegada de sua obra à grande mídia - via

reconhecimento estrangeiro de David Byrne<sup>3</sup> em 1986 - muito se tem ouvido, os ingressos dos shows esgotam-se facilmente, mas a divulgação dos trabalhos da década de 1960 e 1970 ainda é precária.

Sugerimos aos interessados por esse genial artista buscar preliminarmente o LP **Todos os olhos** de 1973 – obra que sintetiza sua requintada poética, para ser mais precisa referimo-nos à faixa *Complexo de Épico*. A escolha da obra de Tom Zé – discos lançados entre 1968 a 1978 – explica-se na tentativa de mudar o vetor da então polarizada discussão que ora se instaurou nos meios culturais brasileiros: posicionar-se a favor ou contra guitarras na MPB:

Era difícil ser indiferente naqueles tempos apaixonados. Também, havia muito o que discutir (...) Os temas eram infundáveis, tanto quanto a duração dos debates. Mais do que discutir, torcia-se: pela vitória dos vietcongs, a favor ou contra guitarras na MPB, por Chico ou Caetano, pela participação política dos padres e, claro, contra a ditadura. (VENTURA, 1988:75)

Sua obra representa um genuíno discurso de resistência à hegemonia imposta à periferia naquele momento histórico - ainda que não alinhado ao grupo que produzia músicas de protesto - sob o signo do Ato Institucional N°5, já que na **Estética da Criação Verbal** outro pressuposto metodológico da poética da enunciação nos é apresentado:

Não é muito desejável estudar a literatura independentemente da totalidade cultural de uma época, mas é ainda mais perigoso encerrar a literatura apenas na época em que foi criada, no que poderia chamar sua contemporaneidade. (...) Receamos aventurar-nos no tempo, afastar-nos do fenômeno estudado. Ora, uma obra deita raízes num passado remoto (BAKHTIN,2000:364)

Bakhtin teve igualmente um reconhecimento retardatário, após tensos anos de perseguição stalinista. Sua tese sobre Rabelais, defendida no Instituto de Literatura da Academia de Ciências da URSS em 1946, aguardou dezenove anos para ser publicada. Chklovski, Jakobson, Todorov e Kristeva contribuíram decisivamente para que sua obra viesse ocupar espaços acadêmicos, sendo seu pensamento amplamente difundido. Na perspectiva da poética da enunciação opera-se uma notável mudança do conceito de sujeito, as vozes sociais roubam-lhe a cena, ele não está mais no centro da interlocução, o que interessa agora é o espaço criado entre ambos onde se inserem os gêneros discursivos, notadamente, a literatura. Na perspectiva bakhtiniana, os procedimentos de análise hermenêutica perdem a eficácia porque sempre estão buscando o sentido da obra, o que revela uma concepção de linguagem incompatível com a da poética da enunciação.

Ainda que os grandes estudos de Mikhail Bakhtin se debrucem sobre autores clássicos da literatura universal (Dostoievski, Gogol, Rabelais etc.), a teoria da literatura serviu-se mais de seus conceitos (discurso, enunciação, dialogismo,

3. Em visita ao Brasil em 1986, o músico David Byrne conheceu o LP *Estudando o samba* (1976), encantou-se e lançou uma coletânea de Tom Zé nos EUA, o que deu uma guinada em sua carreira, tirando-o do ostracismo de dez anos.

polifonia, heteroglossia, carnavalização etc.) que propriamente de seu método de trabalho.<sup>4</sup>, isso se deve ao primado da tradição hermenêutica nos estudos de crítica literária. Sabemos que “A hermenêutica recusa-se a reconhecer que o discurso está sempre relacionado com um poder que pode não ser benigno; e é o seu próprio discurso que de maneira mais indicadora deixa de reconhecer tal fato.” (EAGLETON,2001:101).

Ao pensarmos em Bakhtin, estamos adentrando no território de uma fecunda e combativa reflexão que não poupa sequer seus contemporâneos tais como os marxistas, que reduziam a linguagem a um simples reflexo dos interesses sociais: “ainda dominados pela categoria de causalidade mecanicista.” (BAKHTIN,2002:25), como aprendemos em **Marxismo e filosofia da linguagem**; aos representantes de uma linguística estrutural nascente; aos formalistas, que negligenciavam a relação entre a obra e o mundo, dentre outras correntes do pensamento.

Nessa perspectiva, a compreensão da relação história/obra literária, é redimensionada se a confrontamos com os estudos da historiografia de linhagem positivista. Dessa forma, ele reabilita a obra de arte cuja enunciação está imbricada à história e não é mais sua refém.

Em **Marxismo e filosofia da linguagem**, ele sublinha as limitações de uma compreensão mecanicista das relações entre a infraestrutura e a superestrutura nos estudos marxistas. Nesse sentido, Bakhtin (2000:46) salienta que o signo é ideológico, é arena onde se desenvolvem lutas de classes, uma vez que reflete e refrata uma outra realidade. Dessa forma, a palavra é tomada como fenômeno ideológico por excelência, pois ela registra as fases transitórias mais íntimas e mais efêmeras das mudanças sociais. Dessas definições resulta que o ato de fala, ou, mais precisamente, seu produto, a **enunciação**, não pode ser considerado como individual no sentido estrito do termo, já que é produto da interação de dois indivíduos socialmente organizados. O espaço em que se instaura a enunciação descentraliza o sujeito. Desafia Bakhtin: “Como se apresenta a enunciação monológica do ponto de vista do subjetivismo individualista? Vimos que ela se apresenta como um ato puramente individual, como uma expressão da consciência individual, de seus desejos, suas intenções, seus impulsos criadores, seus gostos etc.” (2002:110)

Depreende-se, assim, o conceito de dialogismo que remete o leitor a estabelecer um novo tipo de relação com o texto. Ora, se tencionamos que a produção da leitura de textos artísticos se efetive plenamente, o leitor e o autor interagem, o texto deixa de ser mero objeto de investigação do qual se busca o sentido como querem, por exemplo, os hermeneutas e passa a ser compreendido agora como depositário de vozes socialmente constituídas. Rompe-se, assim, a relação sujeito/objeto. Nesse

---

4. Uma das linhas da ciência da linguagem em sua fase mais contemporânea, a análise do discurso, erigiu-se sobre postulados bakhtinianos. Contemporâneo de estruturalistas e formalistas ele já apontava as limitações desses modelos teóricos. Já se tem notícia de que os estudos pós-coloniais inclinam-se atualmente a resgatar essa rica produção.

sentido o sujeito não mais centraliza a interlocução, o que interessa é o espaço criado entre sujeito e objeto, na relação do leitor com a obra de arte, o que verificaremos na obra em recorte.

## II

Ainda que Stam nos advirta que “o carnaval é a categoria bakhtiniana de mais fácil cooptação, tornando-se às vezes pretexto para um ludismo vazio” (STAM,2000:59), elegemos tal noção para postular uma compreensão da obra em recorte, uma vez que rejeitamos colocar Tom Zé no grupo dos “malditos” e “herméticos” entre outras formas que a crítica jornalística brasileira tem usado de longa data para classificá-lo. Miranda igualmente alimentou nossa disposição para nossas postulações acerca de uma compreensão mais orgânica da obra desse notável artista:

A perspectiva antropofágico-carnavalesca oswaldiana será retomada quarenta anos depois pela Tropicália. Esta fará irromper, de forma intensa e articulada com outras linguagens estéticas (teatro, cinema e artes plásticas), a visão antropofágica e carnavalizada, retomando a linhagem modernista, agora noutra registro histórico e estético, dentro de nossa contemporaneidade. (MIRANDA, 1997:126)

Ao adentrar no território de um signo que traduz a identidade nacional brasileira, verificamos que o empenho do governo de Vargas e de Pedro Ernesto em cooptar setores do samba carioca para chancelar e pasteurizar a cultura popular com regras e hierarquizações até hoje é tema fecundo no debate acadêmico. O carnaval das escolas de samba foi resultado de muita negociação entre o Estado Novo e as associações que se constituíram para representar seus produtores. Em outros tempos já houve samba-enredo exaltando o PIS-PASEP e o MOBREAL. Tratava-se de um carnaval oficial legitimado sem a ousadia que encontramos na prerrogativa da noção bakhtiniana da carnavalização.

Grandiosidade, brasilidade, propaganda: a carta fundadora da União das Escolas de Samba mostrava total sintonia com o discurso getulista. Três dias depois Pedro Ernesto publicava o decreto oficializando a presença das escolas de samba no carnaval carioca e, sobretudo, reconhecendo a União como sua legítima representante. (AUGRAS, 1993:3)

Os enredos mais críticos, a representação do negro e do índio vieram a ocupar muito recentemente a avenida. Por outro lado, o pensador russo entende que

O carnaval celebra o aniquilamento do velho mundo e o nascimento do novo, do novo ano, da nova primavera, do novo reino. O velho mundo aniquilado é apresentado juntamente com o novo, representado por ele, como a parte agonizante do mundo bicorporal único. É por essa razão que as imagens de carnaval oferecem tantas coisas ao avesso, rostos invertidos, proporções violadas de propósito. (BAKHTIN, 2002:360)

Trata-se, pois, de uma compreensão que destoa do arcabouço político que construiu o signo do carnaval brasileiro, o que justifica postularmos que há mais carnaval em toda sua potência estética na obra de Tom Zé que nos desfiles das escolas de samba na primeira metade do século XX.

Pauliceia, sampa, essepê... de quantas maneiras podemos nos referir a essa fascinante cidade da qual o baiano de Irará se tornou cidadão honorário? Cada uma delas guarda uma concepção. Desfilam na poética de Tom Zé expedientes de enunciação que se inserem numa lógica carnavalesca na acepção bakhtiniana, uma vez que “O carnaval é a segunda vida do povo, baseada no princípio do riso. É a sua *vida festiva*. A festa é a propriedade fundamental de todas as formas de ritos e espetáculos cômicos da Idade Média.” (BAKHTIN, 2002:7)

Encontramos nas *Palavras da contracapa* do disco de 1970, uma ousada mistura de gêneros textuais. O interlocutor inscrito – aquele a quem se dirigiria o texto - é surpreendido por encontrar mais do que informações técnicas sobre o álbum ou mesmo letras e arte da capa. O artista adverte: “Aproveito a ocasião para informar que a Prefeitura de São Paulo não me pagou até agora o prêmio do 1º lugar (São São Paulo, meu amor) do Festival da Record de 1968 e até começou a dizer que não assumiu esta obrigação” Em outras *Palavras da contracapa* de **Grande Liquidação** (1968), a lógica carnavalesca do paradoxo, do oxímoro é sublinhada: “Somos um povo infeliz, bombardeado pela felicidade.”, igualmente em *São São Paulo*: “São oito milhões de habitantes/De todo canto e nação/ Que se agridem cortesmente/” Em **Estudando o samba** (1976), ratificada nos versos de Tô: “Tô te explicando/pra te confundir/ Tô te confundindo/Pra te esclarecer/ Tô iluminando/ Pra poder cegar/ Tô ficando cego/ Pra poder guiar”, cuja inflexão caminha num crescendo até sintetizar a organicidade de sua poética em **Todos os olhos** (1973) no *Complexo de épico*: “Todo compositor brasileiro é um complexado,/Por que essa mania danada,/Essa preocupação de falar tão sério/De parecer tão sério/De chorar tão sério/De brincar tão sério?/Ai, meu deus do céu/ Vai ser sério assim no inferno!” A concepção da capa de **Todos os olhos** (1973) na qual a realidade é rebaixada - o ânus se converte em olho - materializa o que aprendemos com o russo de Oriol: “O círculo dos motivos e imagens relativos ao avesso do rosto e à substituição do alto pelo baixo está ligado da maneira mais estrita à morte e aos infernos.” (BAKHTIN, 2002:331)

O paradoxo da metrópole converte-se numa espécie de anti-cordel em que profana ícones do poder paulistano, sublinhando o duelo entre o capital da tradição e o da modernização, elites em conflito, como n’ *A briga do Edifício Itália e o Hilton Hotel*: “O Edifício Itália/ Era o rei da Avenida Ipiranga:/Alto, majestoso e belo/ Ninguém chegava perto/ Da sua grandeza./ Mas apareceu agora/ O prédio do Hilton Hotel/ Gracioso, moderno e charmoso/ Roubando atenções para sua beleza./O Edifício Itália ficou enciumado/E declarou à reportagem de Amiga:/ Que o Hilton, pra ficar todo branquinho/ Toma chá de pó-de-arroz./”

Nesse contexto histórico em que o Brasil se industrializa, a corrupção se agudiza, a cidade vislumbra a voz impertinente daquele que exerce a *Profissão ladrão*, eliminando-se provisoriamente relações hierárquicas e vaticinando: “E é por isso que eu só vou para o xadrez./Seu delegado/Se o senhor trouxer primeiro/Toda a classe para o meu lado/Mas neste dia de aflição/Não vai ter prisão no mundo/Pra

caber a multidão./”

Já no *Parque Industrial*, chama-nos atenção para a fetichização da cultura, repudiando a lógica de sua comercialização: “Despertai com orações/O avanço industrial/Vem trazer nossa redenção./Tem garota-propaganda/Aeromoça e ternura no cartaz,/Basta olhar na parede,/Minha alegria/Num instante se refaz/Pois temos sorriso engarrafado/Já vem pronto e tabelado/É somente requeentar/E usar/Por que é made, made, made, made in Brazil./”

Em **Correio da Estação do Brás** (1978), a eloquente voz desse não-cantador invoca a *Menina Jesus* – presença da paródia dos signos cristãos - para compilar o patrimônio reunido pelo nordestino espoliado em sua força de trabalho, quando do seu retorno à terra natal: “Valei-me, minha menina Jesus/Só volto lá a passeio/No gozo do meu recreio,/Só volto quando puder/Comprar uns óculos escuros./Com um relógio de pulso/Que marque hora e segundo,/Um rádio de pilha novo,/Cantando coisas do mundo/pra tocar./” Nesse mesmo caminho crítico contra dogmas do cristianismo, observamos em *Pecado original*: “Aquele que nasce pobre/Sem nome e sem cabedal/Não pode trazer o peso/De um pecado original./”

Dessa maneira, o domínio dos expedientes de enunciação aqui elencados na obra em recorte evidenciam a fragilidade de uma crítica jornalística que atribuiu a Tom Zé títulos de “maldito” e “hermético” e favoreceu na ocasião produtos da indústria cultural como a Jovem Guarda e seus refrões de fácil retenção e consumo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Evidenciar a organicidade da obra, o domínio e a coerência no emprego de expedientes de enunciação próprios de uma visão carnavalesca do mundo foi nossa tarefa até aqui. Propor uma compreensão para a obra de Tom Zé balizada em fundamentos da poética da enunciação de Mikhail Bakhtin é um exercício de resistência cultural no preciso momento histórico em que o legado do período histórico em questão tem sido negado.

A desoladora contemporaneidade de Ventura, cujo texto poderia ter sido produzido no contexto do assassinato de Marielle Franco, de Herzog, de Honestino... deu o tom de nosso *estudo-homenagem* à geração desse audacioso baiano de Irará:

Uma simples arqueologia dos fatos pode dar a impressão de que esta é uma geração falida, pois ambicionou uma revolução total e não conseguiu mais do que uma revolução cultural. Arriscando a vida pela política, ela não sabia, porém, que estava sendo salva, historicamente pela ética. O conteúdo moral é a melhor herança que a geração de 68 poderia deixar para um país cada vez mais governado pela falta de memória e pela ausência de ética. (VENTURA, 1988:16)

## DISCOGRAFIA EM RECORTE

**Grande liquidação** (1968) São São Paulo, *Profissão ladrão, Parque Industrial e Palavras da*

*Contracapa*. Rozemblit.

**Tom zé** (1970) *Palavras da Contracapa*. RGE

**Se o caso é chorar** (1972) *A briga do edifício Itália e do Hilton Hotel*. Continental.

**Todos os olhos** (1973) *Complexo de épico*. Continental.

**Estudando o samba** (1976) *Tô*. Continental.

**Correio da Estação do Brás** (1978) *Menina Jesus, Pecado original*. Continental.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Paula Cresciulo. “O Carnaval de 1935: oficialização e legitimação do samba”. In: **Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH**. São Paulo, julho 2011

AUGRAS, Monique. “A ordem na desordem: a regulamentação do desfile das escolas de samba e a exigência de “motivos nacionais”. In: **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. V.8 n21. São Paulo: fev. 1993.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

\_\_\_\_\_. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento – o contexto de François Rabelais**. São Paulo: Hucitec/Annablume, 2002.

\_\_\_\_\_. **Marxismo e filosofia da linguagem – problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. São Paulo: Hucitec/Annablume, 2002.

EAGLETON, Terry. **Teoria da literatura: uma introdução**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

FREIRE, Guilherme Araújo. “A produção artística de Tom Zé na década de 1970: considerações sobre o projeto de música ‘operária’ e o disco *Estudando o samba*”. In: **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, Brasil, n°68, dez. 2017.

MIRANDA, Dilmar. “Carnavalização e multidimensionalidade cultural: antropofagia e tropicalismo” In: **Tempo Social**, Rev. Sociol. USP, São Paulo, 9(2): out. 1997.

STAM, Robert. **Bakhtin: da Teoria Literária à Cultura de Massa**. São Paulo: Ática, 2000.

TODOROV, Tzvetan. **Mikhaïl Bakhtine: le principe dialogique. Suivi de: écrits du cercle de Bakhtine**. Paris: Éditions du Seuil, 1981.

VENTURA, Zuenir. **1968: o ano que não terminou**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.

## SOBRE O ORGANIZADOR

**FABIANO TADEU GRAZIOLI** é Doutor e Mestre em Letras pela na Universidade de Passo Fundo/RS (UPF). Especialista em Metodologia do Ensino da Literatura e Licenciado em Letras Português/Espanhol pela Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões (URI). Professor do Departamento de Ciências Humanas da URI, da Faculdade Anglicana de Erechim/RS (FAE) e do Colégio Franciscano São José. Coordenou o segmento de Literatura Infantil e Juvenil da Habilis Press Editora por cinco anos. Contemplado com a Bolsa FUNARTE de Produção Crítica sobre Conteúdos Artísticos em Mídias Digitais/Internet - Edição 2009, a partir da qual desenvolveu a pesquisa *Leitura e fruição na tela: um olhar crítico em direção à ciberpoesia*. Contemplado com a Bolsa FUNARTE de Circulação Literária - Edição 2010, com a qual desenvolveu o projeto *Leitura dramática: revelando a dramaturgia brasileira para jovens leitores e suas comunidades*. Contemplado com a Bolsa Biblioteca Nacional/FUNARTE de Circulação Literária - Edição 2012, a partir da qual desenvolveu o projeto *Dramaturgia e jovens leitores: encontros necessários nos territórios da cidadania*. Autor de *Teatro de se ler: o texto teatral e a formação do leitor* (Ediupf), que teve sua segunda edição em 2019. Organizou, entre outras, as obras: *Teatro infantil: história, leitura e propostas* (Positivo), sobre dramaturgia para crianças e jovens, que recebeu o Prêmio de Melhor Livro Teórico 2016 (Produção 2015), e, no mesmo ano, o Selo Altamente Recomendável – Livro Teórico, da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ); e com Rosemar Eurico Coenga, *Literatura de recepção infantil e juvenil: modos de emancipar* (Habilis Press), que recebeu o Prêmio de Melhor Livro Teórico 2019 (Produção 2018), e, no mesmo ano, o Selo Altamente Recomendável – Livro Teórico, da FNLIJ.

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Análise do discurso 165

### C

Crônica 15

### D

Diacronia 128

Dicionários escolares 178, 190

Discurso 6, 1, 46, 49, 51, 60, 61, 62, 91, 92, 93, 141, 142, 143, 144, 165

### E

Educação infantil 103, 109, 115

Efeitos de Sentido 49

Ensino 7, 10, 15, 28, 29, 46, 87, 89, 169, 178, 179, 183, 186, 209, 215, 224, 225, 245, 286, 287, 297

Ensino de língua 29, 178

Escrita 15

### F

Fotografia 8, 63, 65, 66, 77

Fraseologia 128, 130, 139

### G

Gênero Textual 15

### H

História Oral 63, 66, 76

### I

Identidade 165

### J

Juridiquês 30, 37

Justiça 6, 8, 30, 32, 33, 34, 37, 39, 40, 41, 42, 45, 46, 47, 200, 208, 215, 219, 220, 221, 225, 226

## **L**

Lexicografia 178, 179, 180, 181, 182, 190

Linguagem escrita 103

Linguagem jurídica 30, 46, 47, 48

Linguagem oral 103, 110

Literatura 103, 106, 141, 230, 235, 236, 239, 245, 246, 261, 274, 297

Lusofonia 49

## **M**

Memória 8, 62, 63, 65, 66

Multiletramentos 153

## **P**

Português 6, 15, 37, 46, 48, 79, 80, 81, 85, 87, 88, 89, 90, 92, 102, 117, 118, 126, 128, 130, 131, 140, 165, 180, 215, 285, 297

Português para estrangeiros 126

Práticas de leitura 153

## **S**

Semiótica 153, 158, 160, 163, 164

Sequência Didática 15

Sincronia 128

Subjetividade 165, 226

Agência Brasileira do ISBN  
ISBN 978-85-7247-492-4



9 788572 474924